

## O Conceito Socialista da Reforma Universitária<sup>1</sup>

Julio Antonio Mella

Muito se fala de “Reforma Universitária”. Um burburinho com tons revolucionários chega aos ouvidos, trazido pelo mal-estar e inquietação entre os estudantes. Na revista *Tren Blindado* e em palestras públicas trataremos de discutir as bases sociais deste movimento, seus antecedentes históricos, seus princípios fundamentais e tudo aquilo que seja necessário para sua melhor compreensão pela massa estudantil.

O primeiro que precisamos definir é o verdadeiro conceito da reforma universitária. Há muito palavrório liberal e vazio sobre o tema, devido ao fato de que, em vários lugares, indivíduos que participaram deste movimento eram da burguesia liberal. Mas se a reforma for empreendida com seriedade e com espírito revolucionário, ela só poderá ser levada a cabo com um espírito socialista, o único espírito revolucionário do momento.

As universidades, como outras tantas entidades do regime atual, estão estruturadas para apoiar o domínio da classe no poder. Acreditar que os intelectuais ou as instituições de ensino não têm vinculação com a divisão sociológica de classes é uma ingenuidade dos míopes políticos. Nunca uma classe sustentou uma instituição (muito menos as de educação), se não para seu benefício. É nas universidades (e em todas as instituições de ensino), onde se forja a cultura da classe dominante, de onde saem seus servidores no amplo campo da ciência que ela monopoliza. As universidades dos países capitalistas modernos produzem advogados, engenheiros, técnicos de todo tipo, para servir aos interesses econômicos da classe dominante: a burguesia capitalista. Achar que os médicos podem ser uma exceção seria um grave erro. A imensa maioria deles se forma para trabalhar em entidades de beneficência coletiva ou para compor os quadros da

---

<sup>1</sup> Publicado originalmente in *Tren Blindado*, Ano I, No. 1, México, setembro de 1928. Traduzido por Luiz Bernardo Pericás.

burguesia profissional individualista e exploradora? Que muitos doutores não tenham êxito pelas mesmas injustiças do regime atual não significa que a aspiração da corporação não seja esta.

Isto posto –discussão que, para qualquer pessoa que tenha um nível cultural e social médio, não precisa ser estendida aqui-, diremos que a reforma universitária deve ser realizada na mesma lógica de todas as outras dentro da organização econômica e política atual. Não há qualquer socialista honesto que acredite ser factível reformar toda esta velha sociedade paulatinamente, até fazer surgir dela uma nova e resplandecente, como nas antigas utopias. A primeira condição para reformar um regime –a história sempre o demonstrou- é a tomada do poder pela classe portadora dessa reforma que, nos dias de hoje, é o proletariado. Tudo deve se convergir a esta finalidade. Mas o fato de que a solução definitiva seja nisto, como em outras mil coisas, a revolução social proletária, não significa que se deva estar indiferente às reformas (no sentido revolucionário do termo), já que estas noções não são antagônicas.

Um conceito socialista da luta para aprimorar a Universidade é similar ao do proletariado em sua ação para melhorar as condições de sua vida e de seu meio. Cada avanço não é uma meta, mais sim um degrau para continuar ascendendo, ou uma arma a mais que se ganha ao inimigo para vencê-lo na “luta final”.

Lutamos por uma universidade mais vinculada às necessidades dos oprimidos, por uma universidade mais útil à ciência e não às castas plutocráticas, por uma universidade onde a moral e o caráter do estudante não se moldem nem no velho princípio do *“magister dixit”*, nem no individualismo das universidades republicanas da América Latina ou dos EUA. Queremos uma Universidade nova que faça no campo da cultura o que no da produção farão as fábricas do amanhã, sem acionistas parasitas nem capitalistas exploradores. Sabemos que não o vamos conseguir imediatamente. Mas na simples luta para alcançar esse ideal da universidade do futuro obteremos um duplo triunfo: estimular a consciência dos jovens (conquistando redutos na frente educacional contra os inimigos do povo trabalhador) e provar, ante todos os revolucionários sinceros, que a emancipação definitiva da cultura e de suas instituições não poderá ser realizada senão junto com a emancipação dos escravos da produção moderna que são, também, os títeres inconscientes do teatro cômico dos regimes políticos atuais.